

Capítulo I

TOM PROCURA NOVAS AVENTURAS

Imaginam que Tom se satisfizes com todas estas aventuras? Refiro-me às aventuras que tivemos no rio e o tempo que levámos a libertar o negro Jim, além do tiro que Tom apanhou na perna. Mas não, não se satisfizes. O único resultado de tudo isso foi despertar-lhe o apetite de novas façanhas. Bem veem, quando nós três viemos rio acima em triunfo — digamos assim — de volta daquela grande viagem, quando a aldeia nos recebeu com discursos e um cortejo de archotes acesos, quando os vivas e os gritos de toda a gente fizeram de nós heróis, Tom Sawyer realizou assim um dos seus sonhos.

Durante algum tempo ficou satisfeito. Toda a gente o elogiava, e ele, com o nariz ainda mais arrebitado, andava pela cidade como se esta lhe pertencesse. Algumas pessoas chamavam-lhe Tom Sawyer-o-Viajante, e isto fê-lo inchar como se fosse rebentar. É claro, ele ficava muito acima de mim e de Jim, porque nós só tínhamos descido o rio numa jangada e voltado no barco a vapor, mas Tom fizera as duas viagens no vapor. Os rapazes tinham muita inveja de mim e de Jim, mas, céus!, quase se ajoelhavam na lama diante de Tom.

Não sei, mas talvez ele se desse por satisfeito se não fosse o velho Nat Parsons, empregado do correio. Este era muito alto e delgado; possuía bom coração, mas, com a idade, estava um bocadinho pa-

teta e careca; era a pessoa mais faladora que tenho conhecido. Durante cerca de trinta anos ele fora o único homem famoso da aldeia, famoso devido às suas viagens. Tinha nisto uma vaidade enorme e contava-se que, durante esses trinta anos, fizera a descrição dessas viagens mais de um milhão de vezes e sempre com igual prazer. Agora aparecia um rapaz com menos de quinze anos e toda a gente se punha a admirar e a gabar as suas viagens; é claro que isto era para o pobre velho um motivo de desgosto. Quase ficava doente escutando Tom e ouvindo as pessoas exclamarem: «Céus!» «Será possível?» «Resiste-se a tudo isso!» E outras coisas do género. Mas, apesar de se sentir mal, não conseguia afastar-se e acontecia-lhe exatamente como a uma mosca cuja perna se tivesse prendido num doce. Assim que Tom se calava, o pobre homem aproveitava para contar a mesma história de sempre, enfeitando-a o mais que podia; mas já todos estavam fartos de a ouvir e davam-lhe pouca atenção. Fazia pena ver aquilo. Em seguida, Tom começava a contar outro episódio, depois era a vez do velhote e assim ficavam durante uma hora ou mais, cada um deles querendo vencer o outro.

O caso das viagens de Parsons passou-se assim: Logo ao princípio de ser empregado no correio, e enquanto tinha pouca prática no assunto, chegou uma carta para alguém que ele não conhecia; parece mesmo que não existia tal pessoa na aldeia. Ficou sem saber o que havia de fazer nem como sair daquela atrapalhão. A carta esperou semanas e semanas até que, só de a ver, o homem se sentia mal. A carta não trazia selo e isso era mais um motivo de aborrecimento. Não havia maneira de cobrar a franquia devida; começou a pensar que o Governo podia torná-lo responsável por isso e talvez até pô-lo fora, quando desse por que ele a não cobrara. As coisas chegaram a ponto de já não poder descansar. Passava noites sem dormir, não conseguia comer e emagreceu até se tornar uma sombra do que fora. Não podia pedir conselho a ninguém, porque a própria pessoa a quem o pedisse seria capaz de o trair e contar ao Governo a história da carta. Escondeu esta debaixo do sobrado, mas era pior ainda; se via alguém por cima do sítio onde a escondera, tremia de medo, julgava que suspeitavam dele e ficava acor-

dado até alta noite à espera de que a aldeia estivesse em silêncio e escuridão. Então ia buscar a carta e escondia-a noutra lugar. Com tudo isto as pessoas começaram a evitá-lo, abanando a cabeça e segredando, porque pela maneira como agia e pelo seu aspeto julgavam que ele matara alguém ou fizera alguma coisa terrível. Não sabiam o que pudesse ter sido, mas se o não conhecessem tê-lo-iam linchado.

Pois bem, como ia dizendo, as coisas chegaram a um ponto tal que ele já não tinha descanso. Decidiu ir até Washington procurar o presidente dos Estados Unidos e pôr o caso a limpo, contando-lhe o sucedido, sem omitir uma única palavra; levava a carta e entregava-a diante de todo o Governo, dizendo: «Aqui a têm. Façam de mim o que quiserem. Deus sabe que estou inocente e não mereço o castigo da lei, nem que me obriguem a deixar ao abandono uma família, que morrerá de fome embora não tenha a mais leve culpa no caso. Esta é a verdade, toda a verdade e posso jurá-lo.»

Assim fez. Principiou a sua viagem de barco, em seguida foi na mala-posta, mas a maior parte do caminho fê-lo a cavalo. Gastou assim três semanas para chegar a Washington. Viu uma grande extensão de terra, muitas aldeias e quatro cidades. Demorou-se quase oito semanas e nunca na aldeia se viu um homem tão vaidoso como ele estava quando voltou. As suas viagens tinham-no transformado no maior homem da região e na pessoa mais famosa. Veio gente de trinta milhas em redor e dos confins do Illinois também, só para o ver e ficarem a admirá-lo e a gabá-lo. Nunca se assistira a uma coisa assim.

Já não havia maneira de decidir qual dos dois era o maior viajante. Uns diziam que era Nat, outros diziam que era Tom. Todos concordavam em que Nat percorrera uma longitude maior, mas todos tinham de confessar também que, embora Tom tivesse percorrido uma longitude menor, compensara isso em latitude e clima. Equivaliam-se e por isso qualquer deles tinha de alardear as suas perigosas aventuras, fazendo o possível por vencer deste modo. Aquela bala na perna de Tom era mais uma dificuldade com que Nat Parsons tinha de lutar, mas assim mesmo não perdeu a coragem

e continuou o combate, se bem que com desvantagem, porque Tom não ficava sentado e quieto como o outro. Em boa verdade, sempre que Nat falava, Tom levantava-se e punha-se a andar por ali, coxeando, enquanto o outro descrevia as suas aventuras de Washington; porque Tom nunca perdeu o hábito de coxear mesmo depois de estar completamente bem. Pelo contrário, praticava à noite em casa e fazia o possível por continuar como de princípio.

A aventura de Nat era assim. Não sei o que há aqui de verdade. Talvez ele a tivesse lido nalgum jornal ou noutro lado, mas devo dizer por lealdade que ele sabia contá-la. Sabia provocar arrepios às pessoas; empalidecia e punha-se ofegante quando a contava; por vezes as mulheres e as raparigas afligiam-se tanto a ouvi-lo que desmaiavam. Enfim, o caso era este, se bem me lembro: A galope chegou a Washington, largou o cavalo, que deixou a descansar, e correu a casa do presidente, para lhe entregar a carta; disseram-lhe que o presidente estava num congresso e ia partir para Filadélfia. Se queria apanhá-lo não tinha um minuto a perder. Esta notícia apoquentou-o tanto que quase lhe causou um ataque. Largara o cavalo e não sabia o que fazer. Mas nesse preciso momento apareceu um negro guiando um velho carro de aluguer e Nat viu ali a sua salvação. Correu para ele e gritou:

— Dou-te meio dólar se me lemares à Câmara em meia hora e mais um quarto se me lemares em vinte minutos.

— É para já! — respondeu o negro.

Nat saltou para dentro do carro, bateu com a porta e lá foram aos trambolhões pela pior estrada que já se viu. O barulho era terrível. Nat passou os braços pelas braçadeiras do carro, decidido a viver ou a morrer. Pouco depois, o carro bateu numa pedra e ergueu-se no ar. O fundo desprendeceu-se e, quando o carro voltou a rodar, os pés de Nat encontraram o chão. Viu que o perigo era enorme se não conseguisse correr tanto como o cavalo. Teve um medo horrível, mas não perdeu o sangue-frio e agarrou-se com força às braçadeiras, mexendo as pernas o mais que podia. Gritou e berrou, pedindo ao cocheiro que parasse, e o mesmo fizeram as pessoas ao longo das ruas, ao verem as pernas dele a correrem a

par com as rodas e a cabeça e os ombros agitando-se dentro do carro. O perigo ia aumentando sempre, mas, quanto mais gritavam todos, mais o negro gritava e berrava também, chicoteando os cavalos e dizendo: «Não se aflijam que eu levo o patrão e chegamos a tempo. Já prometi e faço-o!» Como veem, ele julgava que toda aquela gente lhe gritava para se apressar, mas, é claro, não distinguia as palavras por causa do barulho das rodas nas pedras da calçada. Lá seguiram assim aos solavancos. Quando finalmente chegaram à Câmara, deixando imensas pessoas pasmadas ao vê-los passar, o negro ia radiante porque nunca fizera uma corrida assim. Os cavalos estenderam-se e Nat caiu amolgado, descalço, coberto de poeira e com o fato esfarrapado; mas chegara a tempo e por um triz; apanhou o presidente e deu-lhe a carta. Correu tudo o melhor possível e o presidente perdoou-lhe no mesmo momento. Nat deu ao negro dois quartos de dólar em vez de um, porque viu bem que se não fosse o carro não teria conseguido chegar a tempo, nem fazer sequer metade do caminho.

A aventura era na verdade extraordinária e Tom Sawyer tinha de enfeitar muito a sua história da bala para conseguir interessar o auditório.

Mas pouco a pouco a glória de Tom foi empalidecendo gradualmente por causa de outras coisas que se passaram e de que toda a gente falava: primeiro uma corrida de cavalos, em seguida uma casa que se incendiou; depois veio um circo e passados dias houve um eclipse.

Findas estas coisas, toda a gente voltou à sua vida, como sempre acontece, e já então ninguém falava em Tom, por assim dizer. Nunca vi uma pessoa tão triste e desgostosa como ele andava então.

Em breve começou a mostrar-se mal-humorado quase todos os dias e quando eu lhe perguntava o que tinha e porque andava assim dizia-me que lhe despedaçava o coração ver o tempo a correr, saber que se ia fazendo velho, cada vez mais velho, sem que houvesse uma guerra, sem descobrir maneira de se tornar célebre. Quase todos os rapazes pensam assim, mas foi ele o primeiro a quem ouvi confessar isto com tanta franqueza.